U.PORTO

MESTRADO

PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos em Famílias Adotivas: Padrões Desenvolvimentais e Correlatos Individuais, Parentais e Familiares

Joana Rita Mota Monteiro

M

2026



Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos em Famílias Adotivas: Padrões Desenvolvimentais e Correlatos Individuais, Parentais e Familiares

Joana Monteiro

Outubro 2026

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Educação e Desenvolvimento Humano, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo/a Professora Doutora ***Joana Lara Soares*** (FPCEUP) e coorientada pela Professora Doutora Maria Barbosa Ducharne (FPCEUP

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Sem prejuízo do disposto anteriormente, o/a autor/a declara que recorreu a ferramentas de Inteligência Artificial durante o processo de elaboração deste trabalho. Em particular, utilizou-se, o ChatGPT e o Gemini para o apoio na tradução, reescrita e estruturação do texto. O recurso a estas ferramentas limitou-se aos usos descritos, mantendo-se as ideias, a análise, a interpretação dos resultados, a elaboração científica e a redação inicial da Dissertação integralmente da responsabilidade da autora.

Resumo

A investigação tem mostrado a relevância das práticas de socialização parental, nomeadamente da forma como os pais reagem às emoções negativas dos filhos, no desenvolvimento socioemocional das crianças. Apesar de a adoção se revelar um terreno particularmente rico para o estudo do desenvolvimento socioemocional, por traduzir uma descontinuidade entre um ambiente adverso e outro estimulador e responsivo às necessidades desenvolvimentais da criança, tem sido um tema menos explorado. Assim, este estudo pretende analisar como os pais reagem às emoções negativas dos filhos, comparando diferentes etapas desenvolvimentais e analisando a relação com variáveis sociodemográficas, variáveis associadas ao passado da criança adotada e ao funcionamento atual da família adotiva. Participaram 67 figuras parentais, do momento T2 do projeto longitudinal *AdoPt- Follow-up em Pós-Adoção*. Todos os dados que permitiram analisar as diferentes variáveis em estudo foram recolhidos online através da plataforma *myadopt*. Os pais adotivos reportaram maior utilização de reações apoiantes, observando-se diferenças em função da etapa desenvolvimental e coexistência de reações apoiantes e não apoiantes em cerca de 1/4 dos participantes. As reações não apoiantes associaram-se a variáveis relacionadas com o passado da criança, dificuldades de inibição, stress parental, sintomatologia depressiva e instabilidade familiar. Nas análises de regressão múltipla, a idade da criança predisse as reações apoiantes, enquanto a idade de adoção e a sintomatologia depressiva parental predisseram as reações não apoiantes. Estes resultados reforçam a importância da monitorização da família adotiva em pós-adoção. Apoiar os pais proporcionando psicoeducação e acompanhamento de modo que cuidem da sua saúde mental, emerge como estratégia de intervenção no impacto das características pessoais dos pais no seu papel parental junto de crianças que se encontram a recuperar de um passado de adversidade.

Palavras-chave: adoção; reações parentais; apoio e não apoio; emoções negativas; etapas desenvolvimentais

Abstract

Research has consistently highlighted the importance of parental socialisation practices, particularly how parents respond to their children's negative emotions, for the child socio-emotional development. Although adoption provides a particularly valuable context for studying socio-emotional development, as it often represents a transition from an adverse environment to one that is nurturing and responsive to a child's developmental needs, this topic remains relatively underexplored. The present study aimed to examine how adoptive parents respond to their children's negative emotions, comparing different developmental stages and analysing their associations with sociodemographic characteristics, variables related to the adopted child's pre-adoption history, and the current functioning of the adoptive family.

Participants were 67 parental figures enrolled in Wave 2 (T2) of the longitudinal AdoPt: Post-Adoption Follow-up project. All data used to examine the study variables were collected online through the *myadopt* platform. Adoptive parents reported greater use of supportive reactions to their children's negative emotions. Differences were observed across developmental stages, and approximately one quarter of participants reported a combination of supportive and non-supportive reactions. Non-supportive reactions were associated with variables related to the child's background, inhibitory control difficulties, parental stress, depressive symptoms, and family instability. Multiple regression analyses showed that child age predicted supportive reactions, whereas age at adoption and parental depressive symptoms predicted non-supportive reactions.

These findings reinforce the importance of monitoring adoptive families during the post-adoption period. Providing parents with psychoeducation and ongoing support to promote their mental health emerges as a valuable intervention strategy, helping to mitigate the impact of parental characteristics on parenting practices and enhancing their ability to support children recovering from a history of adversity

Keywords: adoption; parental reactions; support and lack of support; negative emotions; developmental stages

Introdução

Segundo Eisenberg et al. (1998), as figuras parentais assumem um papel central no processo de socialização dos filhos: a forma como estes reagem às emoções das crianças, constitui o mecanismo pelo qual estas aprendem a compreender, regular e expressar as emoções (Denham et al., 1997). No mesmo sentido, Blair et al. (2014) perspetivam que o comportamento parental é um preditor do desenvolvimento emocional das crianças. As reações parentais constituem, assim, um aspeto central do processo de socialização das emoções, com implicações no desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças (Eisenberg et al., 1998; 1999). Esta dinâmica ganha particular relevância em contextos de vulnerabilidade, pelo que o presente estudo se foca em crianças adotadas. Embora a adoção constitua uma oportunidade de recuperação, as vivências pré-adotivas moldam a trajetória de vida nestas crianças e marcam o seu desenvolvimento socioemocional (Barroso et al., 2018; Blake et al., 2022).

Reações Parentais às Emoções Negativas das Crianças

A literatura no âmbito da socialização emocional tem categorizado consistentemente as reações parentais às emoções negativas em dois grandes tipos - reações de apoio e reações de não-apoio -, uma distinção conceptual e empírica amplamente consolidada pela *Coping with Children's Negative Emotions Scale* (CCNES; Fabes et al., 1990a). Neste âmbito, Eisenberg et al. (1996) e Doan e Song (2022) identificaram três tipos de reações parentais consideradas negativas às emoções das crianças: a minimização da emoção negativa expressa pela criança, as reações de natureza punitiva e as reações de angústia parental. As reações de minimização refletem o grau em que os pais desvalorizam a emoção expressa pela criança (Eisenberg et al., 1996; Jones et al., 2025; Smiley et al., 2024). Nas reações punitivas, os pais respondem de maneira hostil, de forma a não terem de lidar com as emoções negativas dos filhos (Eisenberg et al., 1996), recorrendo a punições e ameaças para responder ao que a criança exprime (Smiley et al., 2024). A angústia parental surge quando as expressões negativas dos filhos geram desconforto, vergonha ou perturbação emocional nas figuras parentais (Eisenberg et al., 1996; Smiley et al., 2024).

Por sua vez, Fabes et al. (1990a) identificaram três formas adicionais de reações parentais de apoio: o incentivo à expressão emocional; as reações focadas nas emoções e as reações focadas na resolução do problema (Jones et al., 2025). As reações de incentivo à expressão emocional

refletem o grau em que os pais encorajam os filhos a expressar e a falar sobre as suas emoções (Eisenberg et al., 1996; Gentzler et al., 2005), validando o que a criança sente (Smiley et al., 2024). Nas reações focadas na emoção, as figuras parentais procuram confortar a criança (Gentzler et al., 2005), recorrendo a estratégias orientadas para que esta se sinta melhor (conforto emocional e físico; Eisenberg et al., 1996), tais como acalmá-la e distraí-la do sofrimento imediato (Smiley et al., 2024). Nas reações focadas no problema, os pais encorajam e ajudam os filhos a encontrar soluções para a causa geradora de mal-estar (Eisenberg et al., 1996; Gentzler et al., 2005; Smiley et al., 2024).

Segundo a literatura, as reações parentais face às emoções negativas dos filhos não são estáticas (Eisenberg et al., 1998), mas aparentam variar de acordo com as diferentes fases de desenvolvimento da criança e tendem a intensificar-se com o aproximar da adolescência (Byrd et al., 2022; Jones et al., 2025). Na primeira infância, as figuras parentais usam predominantemente reações parentais de apoio, não se registando uso frequente de reações de não apoio (Blair et al., 2014; Fabes et al. 2002; Perry et al., 2020). Já em crianças de idade escolar, as reações parentais são maioritariamente de incentivo à expressão emocional (Tan et al., 2020). Em contrapartida, num estudo longitudinal, Eisenberg et al. (1999) verificaram que, dos 4 aos 8 anos, as figuras parentais relataram predominantemente reações punitivas e de angústia parental, referindo ainda usar progressivamente menos reações de minimização, entre os 8 e os 10 anos, o que coincide com o ganho de regulação emocional das crianças. Na adolescência (10-12 anos) aumentam as reações de minimização, punição e angústia parental (Eisenberg et al., 1999).

A literatura tem apurado evidências que parecem sustentar a coexistência de reações de apoio e de não apoio na mesma figura parental, demonstrando que estas não constituem polos opostos de um mesmo contínuo, mas sim dimensões independentes e ortogonais (Wong et al., 2009). Assim, a mesma figura parental pode apresentar elevados níveis de comportamentos de apoio e, simultaneamente, recorrer a práticas de não apoio em diferentes contextos ou circunstâncias. A investigação nacional também revelou resultados semelhantes (Soares, 2019). Fabes et al. (2002) apuraram correlações positivas intradimensão de apoio (entre o incentivo à expressão, as reações focadas na emoção e as reações focadas no problema) e entre as subescalas de não apoio (as reações de angústia, reações punitivas e reações de minimização). Entre subescalas de valência opostas, regista-se uma fraca correlação inversa entre as reações punitivas e reações focadas no problema, o que traduz, na prática, que comportamentos parentais de apoio e não apoio

podem coexistir: um menor uso de reações positivas não implica, necessariamente, o uso de reações negativas (Soares, 2019). Esta coexistência também se manifesta através de inconsistências entre o comportamento que os pais promovem ativamente nos filhos e as emoções que eles próprios expressam passivamente em contexto familiar (Mirabile, 2014). Neste sentido, Gottman et al. (1996), através do conceito de meta-emoção, explicam que os pais possuem sentimentos e comportamentos complexos (e, por vezes, contraditórios) sobre as emoções. Em diversas situações, a figura parental pode desejar confortar o filho (apoio), mas, devido ao seu próprio desconforto emocional, acaba por reagir de forma impaciente, minimizando ou apressando o fim da emoção negativa (não apoio). De outro modo, os pais podem validar e aceitar a emoção do filho (apoio), mas não transmitir estratégias de autorregulação ou limites comportamentais (não apoio; Gottman et al., 1996).

Correlatos das Reações Parentais: Variáveis de Caraterização Sociodemográfica

De acordo com a literatura, a socialização emocional precoce pode ser moldada por normas de género. Segundo Eisenberg et al. (1998), os pais tendem a usar reações focadas na resolução de problemas com os rapazes, enquanto o incentivo à expressão emocional é mais direcionado às raparigas (Chaplin & Aldao, 2013). Da mesma forma, as mães são mais contingentes na resposta às expressões emocionais dos filhos do que das filhas, usam reações mais focadas na emoção e na resolução de problemas, mantendo o apoio emocional e a orientação. Por outro lado, os pais tendem a reportar mais reações punitivas e menos reações de apoio emocional do que as mães (Eisenberg et al., 1998). Fivush et al. (2000) acrescentam que as mães evidenciam maior abertura para falar sobre as emoções do que os pais e transmitem mais informações aos filhos sobre como compreender e lidar com as suas emoções**.**

A idade das figuras parentais relaciona-se com a frequência de reações parentais às emoções negativas dos filhos. Segundo Ragozin et al. (1982), as mães de idade superior interagem de forma mais sensível com os filhos em comparação com as mães jovens, em especial as da adolescência. Contudo, a idade materna não se revelou um preditor significativo das estratégias de apoio e não apoio, registando-se apenas uma única correlação negativa significativa entre a idade da mãe e as reações de angústia (Wong et al., 2009). As reações punitivas e de minimização, bem como as reações de apoio não registam quaisquer correlações estatisticamente significativas com a idade da mãe (Cabecinha-Alati et al., 2024; Kosari et al., 2022).

Na investigação nacional, a escolaridade das figuras parentais relacionou-se positivamente com a capacidade de reconhecer as necessidades e especificidades da criança, mas, por si só, não constitui um preditor direto da qualidade da dinâmica emocional no ecossistema familiar (Soares et al., 2017). A escolaridade da mãe atua como fator protetor contra as reações de não apoio e como fator promotor das reações de apoio. Doan e Song (2022) verificaram uma correlação negativa da escolaridade com a angústia parental, as reações punitivas e minimização. Por sua vez, Kosari et al. (2022) observaram uma correlação positiva entre a escolaridade e o incentivo à expressão emocional. As mães com níveis de escolaridade mais elevados tendem a incentivar e a aceitar de forma mais ativa a livre expressão das emoções negativas dos seus filhos, em comparação com as mães de menor escolaridade (Fabes et al., 2002). No entanto, as mães com maior nível de instrução académica reportaram sentir maior desconforto, angústia ou desorganização pessoal face às manifestações emocionais negativas dos filhos (Fabes et al., 2002).

Correlatos das Reações Parentais: O Passado da Criança Adotada

Antes de estudar as reações parentais mais usadas no contexto da adoção é crucial perceber o passado da criança. As crianças adotadas tendem a ter o seu desenvolvimento na família biológica pautado por Experiências Adversas na Infância (ACES - *Adverse Childhood Experiences*; Felitti et al., 1998; Nelson et al., 2020), que influenciam diretamente o seu funcionamento comportamental e socioemocional a longo prazo (Blake et al., 2022). As reações não apoiantes dos pais adotivos exacerbam os efeitos negativos da negligência precoce na competência social das crianças, e este impacto torna-se ainda mais acentuado quanto maior o período de convivência pós-adoção, caso os pais mantenham essas práticas (Soares et al., 2019).

A idade da criança no momento da adoção (um *proxy* da exposição à adversidade precoce), o tempo na família biológica e o tempo em acolhimento têm-se revelado negativamente associados à competência social de crianças adotadas (Barroso et al., 2018; Julian & McCall, 2016; Soares et al., 2019), diretamente relacionada com a socialização parental das emoções. Segundo Anthony et al. (2019), as experiências de trauma das crianças antes de serem adotadas e a parentalidade exercida pelos pais adotivos estão interligadas. Um número mais elevado de ACES, bem com idades mais avançadas de adoção, estão associadas a maiores desafios na parentalidade, com os pais adotivos que registam menos apoio manifestado (Anthony et al., 2019). Contudo, se os pais

adotivos forem responsivos e demonstrarem apoio, poderão travar o desenvolvimento de sintomas psicológicos (Anthony et al., 2019) e impulsionar o desenvolvimento de competências socioemocionais (Webster, 2022)**.**

Correlatos das Reações Parentais: Variáveis do Funcionamento Cognitivo e Socioemocional da Criança

Neste contexto, as práticas parentais podem ser interpretadas à luz dos modelos teóricos sobre a competência socioemocional, na medida em que promovem recursos emocionais e sociais que se refletem diretamente no funcionamento da criança. De acordo com o modelo proposto pela Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning [CASEL] (2020), a competência socioemocional abrange várias áreas interrelacionadas: autoconsciência, autorregulação, consciência social, competências relacionais e tomada de decisão. Em concordância, Eisenberg et al. (1998) defendem que, quando a criança consegue regular as suas emoções ou o seu comportamento de forma eficaz, expressa-se de forma mais adequada, podendo suscitar reações parentais mais apoiantes, em vez de necessitar de uma intervenção corretiva ou desgastante por parte do cuidador (Eisenberg et al., 1998). Em contrapartida, as crianças que são percecionadas como tendo reações emocionais mais intensas e uma baixa capacidade de regulação tendem a eliciar reações mais punitivas ou de evitamento por parte dos pais (Deater-Deckard et al., 2012; Eisenberg et al., 1998).

Em conjunto com o SEL, as funções executivas (FE) correspondem a um conjunto de processos neurocognitivos *top-down* responsáveis pelo controlo consciente e pela orientação para objetivos do pensamento, da emoção e da ação, dependentes da maturação do córtex pré-frontal (Anderson, 2002; Zelazo et al., 2013). De acordo com o modelo de Miyake et al. (2000), o funcionamento executivo subdivide-se em três componentes: a flexibilidade cognitiva (capacidade de alternar entre diferentes estados mentais), atualização e monitorização da memória de trabalho, e o controlo inibitório de respostas prepotentes. Estes processos desenvolvem-se ao longo do desenvolvimento: enquanto o controlo atencional progride rapidamente na primeira infância (Fay-Stammbach et al., 2014), a flexibilidade, a definição de objetivos e a memória de trabalho atravessam um período crítico entre os 7 e os 9 anos, atingindo a maturidade aos 12 anos (Anderson, 2002). A aquisição destas capacidades ocorre no âmbito das interações familiares (Fay-Stammbach et al., 2014) e constitui a base da regulação emocional das crianças (Riggs et al., 2006). As reações

dos cuidadores atuam como importantes preditores ambientais do desenvolvimento das FE da criança (Doan & Song, 2022)**.** Para além disso, uma vez que as FE estão implicadas na regulação emocional, uma criança com maior domínio das FE eliciará reações parentais mais apoiantes por parte dos cuidadores (Eisenberg et al., 1998)**.** As ligações entre as práticas de socialização emocional parental e componentes cognitivas específicas da criança — tais como o controlo inibitório e a memória de trabalho — permanecem insuficientemente exploradas (Doan & Song, 2022).

Correlatos das Reações Parentais: Variáveis Parentais e da Família Adotiva

As características das figuras parentais e do funcionamento familiar podem influenciar a forma como os pais respondem às emoções negativas dos filhos. Em particular, níveis mais elevados de stress e de sintomatologia depressiva nos pais têm sido associados a padrões menos adaptativos de comportamentos parentais de socialização emocional, caracterizados por menor recurso a reações apoiantes e maior utilização de reações não apoiantes perante as manifestações emocionais negativas das crianças (e.g., Bertie et al., 2021; Choi & Kang, 2021). O stress pode ainda influenciar a interpretação do comportamento da criança, aumentando a tendência para atribuir os comportamentos desafiantes a características internas e estáveis da criança, em vez de os compreender à luz das suas necessidades e circunstâncias (Dix, 1992). Esta questão assume particular relevância na parentalidade adotiva, que envolve tarefas e desafios específicos relacionados com as experiências anteriores da criança, a construção de vínculos e do sentimento de pertença, a comunicação sobre a adoção e a integração da história e identidade adotivas (Hogan et al., 2023; Palacios et al., 2019). De acordo com Conger e Conger (2002), o stress e a sintomatologia depressiva podem levar a uma diminuição da parentalidade positiva e a um aumento de práticas parentais disfuncionais que se manifestam através de reações reativas, tais como a parentalidade inconsistente, hostil ou agressiva. Na adoção, pode ter particular impacto pois pode resultar numa parentalidade menos sensível ao trauma, embora a evidência científica sobre o impacto do stress e sintomatologia depressiva dos pais adotivos nas suas práticas de socialização parental seja escassa.

A exposição prévia a adversidade, negligência, institucionalização e experiência de perda pode, adicionalmente, exigir reações parentais particularmente sensíveis às necessidades emocionais e relacionais da criança. Neste contexto, o bem-estar psicológico dos pais e a

estabilidade do ambiente familiar podem constituir recursos importantes para a manutenção de reações parentais sensíveis e apoiantes. Contudo, não há investigação em adoção que tenha estudado a relação entre as reações parentais às emoções negativas dos filhos e a instabilidade em adoção. A vida familiar adotiva desenvolve-se ao longo do tempo e os desafios enfrentados pelas famílias podem modificar-se em diferentes momentos da trajetória adotiva (Brodzinsky & Smith, 2019). Assim, mais do que assumir que um maior tempo de adoção corresponde a uma melhor adaptação e estabilidade familiar, importa considerá-lo como um indicador da trajetória e das experiências acumuladas da família, durante o qual podem surgir diferentes necessidades desenvolvimentais e relacionais (e.g., Palacios et al., 2019).

Presente Estudo

Apesar da reconhecida relevância da socialização parental das emoções no desenvolvimento de crianças e adolescentes, a literatura científica nesta área apresenta lacunas significativas. A grande maioria da investigação tem-se centrado nas reações da figura materna e no período da adolescência, derivado das limitações dos métodos clássicos de observação, originalmente desenhados para crianças mais novas e só recentemente adaptados a desafios socioemocionais próprios de etapas posteriores (Tan et al., 2020). No contexto da adoção, onde a gestão das emoções negativas é frequentemente atravessada por vivências de adversidade precoce e por desafios na adaptação familiar pós-adoção, estas limitações são ainda mais evidentes, carecendo a comunidade científica de um mapeamento claro sobre como as reações parentais (apoiantes e não apoiantes) variam ao longo das diferentes fases do desenvolvimento.

A pertinência do presente estudo reside, assim, na necessidade de colmatar estas lacunas, analisando a forma como os pais adotivos respondem às emoções negativas dos seus filhos, desde a infância à adolescência, e de que modo essas estratégias se articulam com variáveis sociodemográficas, com o passado da criança, o funcionamento atual da criança e as dinâmicas familiares pós-adoção. Estabeleceu-se assim, como objetivo geral analisar as reações dos pais adotivos perante as emoções negativas dos filhos, examinando as variações entre etapas desenvolvimentais e a sua relação com características sociodemográficas, o histórico da criança e dinâmicas familiares pós-adoção. Concretamente, o estudo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar as reações dos pais adotivos perante as emoções negativas das crianças e adolescentes:
    - *i.* Identificar as reações parentais mais e menos frequentemente utilizadas em cada etapa desenvolvimental (intragrupo);
    - *ii.*Analisar as diferenças nas reações parentais entre etapas desenvolvimentais (intergrupos etários);
    - *iii.* Analisar a relação entre as diferentes subescalas e entre as dimensões globais de reações apoiantes e não apoiantes;
    - *iv.* Explorar a possível coexistência de reações apoiantes e não apoiantes.
2. Estudar a associação/correlação entre as características sociodemográficas da criança, dos pais e da família e as reações parentais.
3. Explorar a relação entre o passado da criança (histórico de adversidade/institucionalização) e a adoção de reações apoiantes e não apoiantes por parte dos pais adotivos.
4. Analisar a relação entre o funcionamento atual da criança/adolescente (competência socioemocional e funções executivas) e as reações parentais às suas emoções negativas.
5. Estudar a relação entre variáveis parentais e familiares pós-adoção e a utilização de estratégias apoiantes e não apoiantes.
6. Estudar, entre as diferentes variáveis independentes em estudo, quais predizem os dois tipos de reação parental: de apoio e de não apoio.

Método

Participantes

O presente estudo contou com a participação de 67 figuras parentais, que reportaram dados relativos a 67 crianças adotadas. De entre as figuras parentais, 15 eram figuras paternas (22.4%) e 52 figuras maternas (77.6%), com idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos de idade (M = 49.53, DP = 4.64, Min = 40.42, $Máx$ = 59.33). Relativamente à escolaridade, 11 figuras parentais possuíam o ensino secundário (16.4%). Das 56 restantes com ensino superior, duas possuíam bacharelato (3%), 32 uma licenciatura (47.8%), 15 mestrado (22.4%) e sete doutoramento (10.4%).

No que diz respeito às 67 crianças adotadas, 32 são do sexo masculino (47.8%) e 35 são do sexo feminino (52.2%), com idades compreendidas entre os 4 anos e os 23 anos (M = 12.62, DP =

4.15, *Min* = 3.75. *Máx* = 22.58). A idade em que estas crianças foram adotadas foi em média os 5 anos de idade (*M* = 5.45, *DP* = 3.77, *Min* = 0.42. *Máx* = 18.00). Estas crianças permaneceram, em média, 3 anos em acolhimento (*M* = 2.98, *DP* = 1.64, *Min* = 0.33. *Máx* = 8.33, *n* = 66) e 2 anos com a família biológica (*M* = 2.37, *DP* = 2.98, *Min* = 0.00. *Máx* = 13.00, *n* = 66). Estas crianças foram retiradas da familia biológica por diversos motivos, tendo-se apurado que 51 crianças foram vítimas de negligência (76.1%), 16 maltrato físico (23.9%), 14 maltrato psicológico (20.9%), duas abuso sexual (3.0%) e 23 abandono (34.3%). Aquando da adoção, duas crianças estavam numa família de acolhimento (3.0%), 64 numa casa de acolhimento (95.5%,) e uma criança esteve em ambos os contextos de acolhimento (1.5%).

Quanto à constituição familiar dos participantes, 13 famílias são monoparentais (19.4%) e 54 são biparentais (79.1%); entre estas, quatro são do mesmo sexo (6.0%) e 49 de sexo diferente (73.1%) e regista-se um divórcio. No que concerne à existência de irmãos, 35 famílias registam a existência de fratrias (52.2%) e 32 famílias não apresentam fratrias (47.8%).

Instrumentos

Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES; Fabes et al., 1990a)

Este instrumento norteou todo o estudo desenvolvido, na medida em que permitiu perceber como os pais geralmente reagem às emoções negativas de crianças/adolescentes. Foi solicitado que os pais avaliassem a probabilidade de reagir a 12 cenários hipotéticos de seis maneiras possíveis. Cada uma das seis respostas, assume o formato da escala de Likert de 7 pontos, a variar entre 1 (*Nada Provável)* e 7 (*Muito Provável*) e representam formas diferentes de lidar com as emoções negativas expressas pela criança. Estes seis tipos de resposta correspondem às seis subescalas que avaliam as reações como sendo de apoio e de não-apoio. De entre as de suporte/apoio constam reações: de incentivo à expressão; focadas na emoção e focadas no problema. As reações de não apoio correspondem à manifestação de angústia parental; às reações punitivas e às reações de minimização.

Foram usadas ainda adaptações da escala CCNES no decorrer do estudo, sobretudo por conta do ajuste linguístico e pelas diferentes faixas etárias em análise. Para as crianças dos 3 aos 4 anos usou-se a *Coping with Toddlesr's Negative Emotion Scale* (CTNES; Spinrad et al., 2007; adaptação portuguesa de Soares et al., 2023a). Nesta escala, ocorre um ajuste dos 12 cenários

hipotéticos à faixa etária mais nova. Para além disso, esta versão apresenta a satisfação de desejos, uma sétima hipótese de resposta reveladora de uma reação parental que assenta na concessão de desejos para evitar ou remover a fonte de frustração da criança. No presente estudo, a escala de Reações de Apoio (α = .95) e Reações de Não apoio (α = .92) do CTNES obtiveram valores de consistências interna excelentes. Para crianças dos 5 aos 11 anos, foi usada a CCNES (*child version*; Fabes et al., 1990a; tradução e adaptação portuguesa de Alves & Cruz, 2011) com 12 cenários, seis subescalas, seis opções de resposta por cenário. Observou-se uma consistência interna entre boa a excelente nas duas escalas: Reações de Apoio (α = .76) e Reações de Não Apoio (α = .93). Para adolescentes com mais de 12 anos, foi aplicada a adaptação da CCNES para adolescentes (*Caregiver's Perception of Adolescents Version*; Fabes et al., 1990b; tradução e adaptação portuguesa de Soares et al. 2023b). Nesta escala usada, os 12 cenários são dirigidos a situações típicas da adolescência. Verificou-se igualmente uma boa consistência interna nas duas escalas: Reações de Apoio (α = .74) e Reações de Não Apoio (α = .86).

Questionário Sociodemográfico (Projeto AdoPt, 2021)

Recorreu-se a este instrumento com a finalidade de recolher dados para a caracterização da amostra do estudo presente. Foram recolhidas informações sobre as figuras parentais (e.g., idade, sexo, escolaridade), as crianças (e.g., idade e sexo) e sobre a tipologia/estrutura familiar (e.g., se é monoparental ou biparental e a existência de fratrias).

Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021a)

O uso do presente questionário tem por objetivo recolher informação sobre a trajetória prévia da criança e o seu historial de vida aquando da integração na família adotiva. Aspetos como: a idade de adoção, o tempo de acolhimento, o tempo com a família biológica, os motivos da retirada e as experiências de adversidade, foram recolhidos através deste questionário.

Escalas de Competência Socio-Emocional (Soares & Barbosa-Ducharne, 2021)

A escala em questão foi usada com o intuito de avaliar as competências de Aprendizagem Socioemocional (SEL — *Social and Emotional Learning*) das crianças e adolescentes. O instrumento trata-se da versão portuguesa das *SSIS SEL Brief Scales – Parent Form* (Anthony et

al., 2020; Elliott et al., 2021; Soares & Barbosa-Ducharne, 2021): *Preschool Form* (Anthony et al., 2020): aplicada a pais de crianças dos 3 aos 4 anos e *K-12 Form* (Elliott et al., 2021): aplicada a pais de crianças e adolescentes dos 5 aos 18 anos. Cada uma destas escalas é constituída por 20 itens cotados numa escala de Likert de 4 pontos, em que 0 = *Nunca*; 1= *Algumas Vezes*; 2= *Muitas vezes*; 3 = *Quase Sempre*. Os itens organizam-se em 5 subescalas correspondentes ao modelo do CASEL: Autoconsciência, Autorregulação, Consciência Social, Habilidades de Relação Interpessoal e Tomada de Decisão Responsável. O valor global da competência socioemocional (SEL) é encontrado pelo somatório ou pela média dos 20 itens, valores mais elevados correspondem a uma maior competência socioemocional. A escala global SEL apresentou excelente consistência interna no presente estudo (α = .93), e esta foi a variável usada neste estudo.

Childhood Executive Functioning Inventory (CHEXI) (Moura et al., 2019)

As FE da criança foram avaliadas através do *Childhood Executive Functioning Inventory* (CHEXI; Thorell & Nyberg, 2008; versão portuguesa de Moura et al., 2019). O instrumento é constituído por 24 itens de autorrelato a ser preenchidos pelas figuras parentais, acerca das FE no contexto diário. Os itens dividem-se em quatro subdomínios do funcionamento executivo, que se agrupam em subescalas, a destacar a Memória de Trabalho (9 itens; e.g., "Tem dificuldade em lembrar-se de instruções longas") e a Inibição (6 itens; e.g., "comportamentos impulsivos ou dificuldade em conter reações), que foram usadas no presente estudo. Os itens são avaliados numa escala tipo Likert de 5 pontos (1 = *Discordo Totalmente* a 5 = *Concordo Totalmente*). Pontuações mais altas representam mais dificuldades nas FE. O instrumento apresentou uma consistência interna excelente (α =.97).

Teenage Executive Functioning Inventory (TEXI) (Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b)

Para avaliar o funcionamento executivo dos Adolescentes 12-18 anos utilizou-se o Teenage Executive Functioning Inventory (TEXI; Thorell et al., 2020; versão portuguesa de Barbosa-Ducharne & Soares, 2021b), uma adaptação do CHEXI. O instrumento é constituído por 20 itens, através dos relatos dos pais, organizados em dois subdomínios do funcionamento executivo, a escalas de inibição (11 itens; e.g., "Tem dificuldades em interromper uma atividade, mesmo quando lhe dizem que não é permitido") e memória de trabalho (9 itens; e.g., "Tem dificuldades em lembrar-se o que tem de fazer no meio de uma atividade"). Os itens são avaliados numa escala tipo

Likert de 5 pontos (1 = Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente). Pontuações mais altas representam mais dificuldades nas FE. A consistência interna do instrumento neste estudo é excelente (α =.94).

Center for Epidemiological Studies Depression Scale (CES-D; Radloff, 1977)

O presente instrumento foi aplicado na versão portuguesa da *Center for Epidemiological Studies Depression Scale* (CES-D; Radloff, 1977; tradução e adaptação de Soares, Henrique et al., 2021) e almejava averiguar os níveis de depressão nos pais, através de questões relacionadas com sintomatologia depressiva. A CES-D é constituída por 20 itens que avaliam a frequência de sintomas depressivos experienciados na última semana, (e.g., "Senti-me triste", "O meu sono foi perturbado"). Cada item é cotado segundo uma escala tipo Likert de 4 pontos (0 = *Nunca* ou *Raramente* a 3 = *Quase Sempre ou Sempre* (5-7 dias)). No presente estudo, o instrumento apresenta uma consistência interna excelente (α = .90).

Escala de Stress Parental (PSS; Berry & Jones, 1995)

O instrumento foi desenvolvido por Berry e Jones (1995) e teve tradução para o português por Mixão et al. (2010). Foi usado para estudar o stress associado ao papel parental. O instrumento é constituído por 18 itens que pretendem apurar os sentimentos e perceções individuais alusivas à experiência de ser pai e mãe, considerando aspetos positivos na parentalidade, como por exemplo, benefícios emocionais e desenvolvimento pessoal, e aspetos negativos, incluindo demandas de tempo, energia e dinheiro (Berry & Jones, 1995). Cada item é cotado numa escala tipo Likert de 5 pontos de frequência (1 = *Discordo Totalmente* a 5 = *Concordo Totalmente*), a pontuação final corresponde ao somatório das pontuações dos itens. Pontuações mais altas traduzem níveis mais elevados de stress parental. Neste estudo foi apurada uma consistência interna excelente (α =.91).

Instabilidade em Pós-Adoção (Henrique, 2022)

Para apurar a perceção parental sobre os indicadores de instabilidade no pós-adoção, foi usada uma variável compósita resultante do trabalho de Henrique (2022). Pretende-se com este, identificar situações e comportamentos que sinalizem indícios de risco ou instabilidade na dinâmica da integração familiar pós-adoção. Avalia assim as seguintes dimensões: (a) dificuldades na vinculação e no estabelecimento de laços afetivos; (b) intensificação de problemas de

comportamento ou emocionais da criança/jovem; (c) crise na gestão do papel parental e exaustão familiar; e (d) pedidos de apoio especializado ou ponderação de rotura/reintegração no sistema de proteção. A cotação dos itens ocorre pela escala do tipo Likert em que as pontuações mais altas são sinónimo de maior perceção de instabilidade pós-adoção. O instrumento apresenta uma consistência interna excelente (α =.96), no presente estudo.

Procedimentos

O estudo desenvolvido pertence ao projeto mais abrangente designado de "AdoPt – Follow up em Pós-Adoção: Capacidades, Dificuldades e Necessidades de Famílias Adotivas Portuguesas" (Barbosa-Ducharne et al., 2023). O estudo faz uso de uma metodologia de design longitudinal, na medida em que acompanham as famílias ao longo do tempo, onde o protocolo geral do projeto prevê três momentos de recolha de dados, designados de: T1, T2 e T3, adaptados de acordo com a faixa etária e o sexo da criança. O T1 condiz com o momento da chegada da família ao projeto e o T2 requer recolha online, mas também presencial, envolvem pais e crianças (a recolha online é apenas com os pais). O estudo aqui presente, recorreu à utilização de dados provenientes do T2 - online.

O estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT; PTDC/SOC-ASO/4158/2020), tendo sido aprovado pelo Comité de Ética da FPCEUP (Ref. 2021/04-06), sendo acompanhado pela Unidade de Proteção de Dados da Universidade do Porto, de modo a garantir o cumprimento do Regime Geral de Proteção de Dados (RGPD).

Seleção da Amostra

Tal como referido anteriormente, a amostra deste estudo corresponde a uma subamostra (dados recolhidos até ao momento do presente estudo) do segundo tempo de recolha de dados (T2). Foi aplicado um único critério de seleção da amostra, os participantes teriam de ser famílias adotivas com crianças entre os 2 e os 19 anos (no Momento T1). Para o recrutamento da amostra, ocorreu a divulgação do projeto através do Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP), via email, através de redes sociais e outros meios de comunicação.

Recolha de Dados

A recolha dos dados foi realizada em formato online, tendo como participantes/informantes as figuras parentais. A recolha de dados foi realizada a partir da plataforma online myAdoPt (https://www.myadopt.pt/), uma plataforma criada através do Microsoft Dynamics 365, que garante a segurança e confidencialidade dos dados. Os participantes, após receberem um email com os códigos de acesso à plataforma, faziam o registo que permitia que lhes fosse enviado um consentimento informado. Após este registo, era pedido para que a figura parental mais envolvida no dia a dia da criança respondesse a um questionário (protocolo do T1). Posteriormente, solicitava-se aos pais que respondessem ao protocolo T2.

Análise de Dados

Esta dissertação recorreu a uma metodologia quantitativa de análise de dados, tendo esta sido realizada com recurso ao software IBM SPSS Statistics (versão 30). Primeiramente, a normalidade da distribuição das variáveis foi avaliada através da verificação dos coeficientes de assimetria (*skewness*) e de curtose (*kurtosis*). De acordo com os critérios definidos por Kline (2011), considerou-se uma aproximação aceitável à distribuição normal a presença de valores absolutos de assimetria inferiores a 3 e de curtose inferiores a 8.

Numa primeira fase, com a finalidade de identificar as reações parentais mais frequentes usadas em cada etapa desenvolvimental das crianças, procedeu-se à análise descritiva das medidas de tendência central e dispersão de cada uma das reações de apoio e não apoio. Para assegurar os pressupostos de normalidade recorreu-se aos valores de *Skewness* e *Kurtosis* e para a homogeneidade o teste de Levene, verificando assim a igualdade de variâncias entre os três grupos (pré-escolar, escolar e adolescência). Posteriormente, devido à ausência de homogeneidade, procedeu-se ao teste *post-hoc* de Games-Howell para perceber entre quais grupos havia diferenças. Para apurar as diferenças médias entre as três etapas do desenvolvimento das crianças e por necessidade de controlar as diferenças entre os valores de *n,* recorreu-se ao teste Welch ANOVA. A magnitude do tamanho do efeito para o teste de Welch foi avaliada através do Eta Quadrado (η^2), ou seja, o valor encontrado corresponde ao impacto que a etapa de desenvolvimento tem na variação da reação parental, traduzindo o efeito real do resultado na população. Foram considerados os pontos de corte propostos por Cohen (1988). Para todas as análises inferenciais, fixou-se o nível de significância estatística em $p = .050$.

Com vista a dar resposta ao objetivo 1.*iii*, que visava analisar as relações entre as subescalas e as dimensões globais de reações parentais, realizou-se uma matriz de correlações de Pearson entre as reações parentais de apoio totais e de incentivo à expressão, focadas no problema e na emoção e entre as reações de não apoio totais e a angústia, a minimização e a punição.

No âmbito da resposta ao objetivo 1.*iv*, avaliou-se a coexistência e independência das reações de apoio e não apoio. Para o efeito, construiu-se um gráfico de dispersão bivariado cujos eixos foram divididos pelos valores médios da variável Reações de apoio (M = 5.72) e Reações de não apoio (M = 2.80) delimitando quatro quadrantes comportamentais. Posteriormente, realizou-se o teste de Qui Quadrado de Independência de Pearson através de uma tabulação cruzada (*crosstab*), para apurar de que forma a distribuição dos pais por estes quatro perfis varia consoante a etapa de desenvolvimento da criança. A força da associação entre a faixa etária da criança e os quatro perfis de reação parental, calculou-se pelo coeficiente *V de Cramer*. Foi ainda realizada uma ANOVA unifatorial (one-way) para descobrir se existiam diferenças significativas entre os quatro perfis descobertos e as variáveis usadas no restante estudo. Os pressupostos de normalidade e de homogeneidade de variâncias foram previamente testados através do Teste de Levene. Nos casos em que o pressuposto de homogeneidade de variâncias foi violado, utilizou-se a estatística robusta de Welch. Adicionalmente, para localizar as diferenças específicas entre os quatro grupos, efetuaram-se testes de comparações *a posteriori* (*post-hoc*) recorrendo ao teste GT2 de Hochberg (adequado para amostras de dimensões ligeiramente desiguais), complementados pela análise dos subconjuntos homogéneos.

Para analisar os restantes objetivos do estudo, foi calculada uma matriz de correlações Pearson entre as reações parentais de apoio e não apoio e as variáveis sociodemográficas e as variáveis referentes ao passado da criança, as variáveis de funcionamento da criança, dos pais e da família, a perceção de instabilidade/dificuldade na adoção, o stress e depressão parental (para variáveis métricas). Para avaliar a relação de variáveis categóricas nominais (ex: sexo da criança) com as reações parentais foram usados testes *t* de *student* e análise de variância ANOVA, consoante o número de grupos em comparação.

Finalmente, foram realizadas análises de regressão com o objetivo de examinar a contribuição conjunta das variáveis associadas às reações parentais de apoio e de não apoio, em resposta ao objetivo 6. Para garantir a consistência das amostras em cada modelo analítico adotou-se o critério de exclusão *listwise* (exclusão por lista completa). Para as reações de apoio, foi

realizada uma regressão linear múltipla, incluindo como preditores a idade atual da criança e o tempo de adoção, por terem sido as variáveis que apresentaram correlações significativas com esta dimensão nas análises bivariadas. Para a variável do não apoio total, elaborou-se uma regressão linear múltipla hierárquica em quatro blocos com o objetivo de adicionar progressivamente as variáveis que apresentaram relações significativas. Para apurar, dentro de cada modelo, qual o contributo individual e específico de cada variável para prever a variável dependente, analisou-se o valor dos coeficientes de regressão padronizados β. Antes de proceder à interpretação das regressões, avaliaram-se os pressupostos dos modelos. O diagnóstico de colinearidade confirmou a ausência de multicolinearidade problemática (não foi introduzida a variável tempo na família biológica em conjunto com a idade de adoção devido à alta correlação entre as duas) assegurando a estabilidade dos modelos e a validade da estimativa dos coeficientes, assim como o Durbin-Watson foi usado para avaliar a independência dos resíduos.

Resultados

Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos: Estatística Descritiva

Na Tabela 1, está exposta a estatística descritiva (média e o desvio padrão) relativa às reações parentais perante as emoções negativas das crianças, de acordo com as suas diferentes fases do desenvolvimento, em função das subescalas do CTNES, CCNES e CANES, bem como a comparação entre elas. As colunas do Teste Welch, p, η^2, juntamente com as letras sobrescritas correspondentes às comparações post-hoc de Games–Howell, permitem identificar as diferenças entre as três etapas desenvolvimentais (pré-escolar, escolar e adolescência).

De forma geral, em todas as fases do desenvolvimento, os pais demonstraram, em média, mais reações de apoio (M = 5.72, DP = 0.70) do que de não apoio (M = 2.80, DP = 0.99). Estas reações de apoio tenderam a aumentar progressivamente, desde a idade pré-escolar (M = 4.86, DP = 0.87) para a idade escolar (M = 5.56, DP = 0.71) e para a adolescência (M = 5.96, DP = 0.53). As reações focadas no problema constituem a resposta mais reportada ao longo de todas as idades: na etapa pré-escolar (M = 5.28), escolar (M = 5.88) e na adolescência (M = 6.33). Em sentido oposto, no grupo pré-escolar, a reação menos utilizada pelos pais foi a satisfação de desejos (M = 2.23); já na idade escolar (M = 2.38) e na adolescência (M = 2.22), as reações punitivas figuram como as menos adotadas.

A subescala satisfação de desejos da versão para o pré-escolar (CTNES; M =2.23, DP = 0.61), não pode ser avaliada no CCNES (escolar) nem no CANES (adolescência), motivo pelo qual não foi submetida a análise comparativa entre etapas desenvolvimentais.

Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos: Comparação entre Etapas Desenvolvimentais

Relativamente às reações parentais de apoio, as reações focadas na emoção não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre as etapas de desenvolvimento, mas apresentaram um tamanho do efeito médio (cf. Tabela 1). As reações de incentivo à expressão diferiram significativamente, F_{Welch} (2, 15) = 17.48, $p < .001$, $\eta^2 = .26$, possuindo um grande tamanho de efeito ($\eta^2 = .26$). Os valores dos pais das crianças de idade pré-escolar (M = 4.33, DP = 0.56) são significativamente menores do que os da idade escolar (M = 5.30, DP = 0.92) e da adolescência (M = 5.83, DP = 0.67); apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas entre a idade escolar e a adolescência (cf. Tabela 1). Já o uso das reações focadas no problema apresentou diferenças estatisticamente significativas, F_{Welch} (2, 12.37) = 5.22, p = .023, $\eta^2 = .20$, entre a idade pré-escolar (M = 5.28, DP = 1.03) e a idade escolar (M = 5.88; DP = 0.77), revelando um tamanho do efeito grande ($\eta^2 = .20$).

De entre as reações de não apoio, as reações de minimização e as punitivas não revelaram diferenças estatisticamente significativas. Já a reação de angústia parental apresentou diferenças estatisticamente significativas (F_{Welch} (2, 16.04) = 8.38, p = .003, $\eta^2 = .19$) entre a idade escolar (M = 3.36; DP = 0.69) e a adolescência (M = 2.38, DP = 1.14; cf. Tabela 1).

Relações entre as Reações Parentais de Apoio e Não Apoio

Para analisar a relação entre as diferentes reações parentais, foram calculadas correlações de *Pearson* entre as subescalas de reações apoiantes e não apoiantes e entre as respetivas escalas globais. A Tabela 2 apresenta esses resultados. Entre as reações de apoio, observaram-se correlações positivas e estatisticamente significativas entre o incentivo à expressão e as reações focadas no problema (r = .68, $p < .001$) e focadas na emoção (r = .41, $p < .001$), bem como entre as reações focadas na emoção e as reações focadas no problema (r = .69, $p < .001$). Relativamente às reações de não apoio, observaram-se igualmente correlações positivas e significativas entre a minimização e as reações punitivas (r = .78, $p < .001$), entre a minimização e a angústia parental

(r = .52, p < .001) e entre a angústia parental e as reações punitivas (r = .69, p < .001). Não se observaram relações estatisticamente significativas entre as dimensões globais (r = -.05, *ns*).

Coexistência de Reações Parentais de Apoio e Não Apoio

Com o objetivo de explorar a possível coexistência de reações de apoio e não apoio, foi construído um gráfico de dispersão entre as duas dimensões globais, apresentado na Figura 1. Este gráfico foi construído tendo como pontos de referência a média das Reações de Apoio (M = 5.72) e do Não Apoio (M = 2.80). Foram identificados quatro perfis: pais "Pouco Reativos" (baixo apoio/baixo não apoio; n = 18, 26.9%); pais "Pouco Apoiantes" (baixo apoio/alto não apoio; n = 12, 17.9%); pais "Apoiantes" (alto apoio/baixo não apoio; n = 20, 29.9%); Reativos (alto apoio/alto não apoio; n = 17, 25.4%). Destaca-se a presença de 1/4 dos participantes no quadrante designado "reativos" (alto apoio e alto não apoio).

Apurou-se que a associação entre os perfis parentais e a etapa de desenvolvimento da criança é significativa, $\chi^2(6) = 14.45$; p =.025; V = .33, verificando-se uma tendência para observar mais pais "pouco reativos" e "pouco apoiantes" na fase pré-escolar, do que seria esperado pelo acaso. Por outro lado, na idade escolar, encontraram-se mais pais "pouco apoiantes" e "reativos" do que o esperado. Por fim, na adolescência, são mais comuns os pais "Apoiantes".

Reações Parentais: Correlatos com Caraterísticas Sociodemográficas

Na Tabela 3 estão expostos os coeficientes de correlações de *Pearson* que analisaram a relação entre as reações dos pais de apoio e não apoio com as variáveis sociodemográficas dos pais, das crianças e da estrutura família (variáveis métricas). Relativamente às reações de apoio, verificou-se uma correlação positiva e significativa com a idade atual da criança (em T2; r = .43, p < .001), ou seja, quanto mais velha a criança, maior é a tendência relatada pelos pais para utilizarem reações de apoio. Não se observaram correlações estatisticamente significativas com mais nenhuma variável sociodemográfica; o mesmo se verificou (ausência de correlações significativas) com as reações de não apoio (cf. Tabela 3).

Após a realização das correlações, procurou-se perceber se haveria diferenças nas reações de apoio e não apoio em função do sexo do respondente. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre mães (M = 5.81, DP = 0.71; M = 2.73, DP = 0.97) e pais (M = 5.43; DP = 0.59; M = 3.04, DP = 1.04), relativamente ao apoio, $t(65) = 1.86$, *ns*, e ao não apoio, $t(65) = -1.09$; *ns*, respetivamente. Estes resultados traduzem que a figura parental não enviesa os

tipos de reações de apoio e não apoio, o que permite efetuar análises de amostra com os pais e mães de forma agregada. Realizou-se o mesmo procedimento para apurar as diferenças em função do sexo das crianças. Verificou-se a não existência de diferenças estatisticamente significativas entre raparigas (M = 5.74, DP = 0.65; M = 2.89, DP = 0.98) e rapazes (M = 5.71, DP = 0.77; M = 2.70, DP = 1.01) no que se refere a reações de apoio e não apoio, $t(65) = 0.19$, *ns;* $t(65) = 0.77$, *ns,* respetivamente. Do mesmo modo, foram analisadas as diferenças nas reações parentais em função da escolaridade dos pais (com ensino superior vs sem ensino superior). No entanto, não se verificaram diferenças significativas entre os pais com ensino superior (M = 5.73, DP = 0.59; M = 2.78, DP = 0.96) e os pais sem ensino superior (M = 5.67, DP = 1.16; M = 2.89; DP = 1.19) nas reações de apoio, $t(11.2) = 0.18$; *ns*, e de não apoio, $t(65) = 0.34$; *ns,* respetivamente.

No que diz respeito às variáveis relativas à estrutura familiar, não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as famílias monoparentais (M = 5.68, DP = 0.59; M = 3.02, DP = 1.44) e biparentais (M = 5.73, DP = 0.74; M = 2.76, DP = 0.96) nas reações de apoio, $t(64) = -0.17$, *ns*, e nas reações de não-apoio, $t(64) = 0.83$, *ns,* respetivamente. Resultados também não significativos foram encontrados nas reações de apoio, $t(65) = 0.55$, *ns*, quando comparadas as famílias com mais do que um filho (M = 5.68, DP = 0.69) e as famílias com filhos únicos (M = 5.77, DP = 0.72). Contudo, nas reações de não apoio, $t(65) = 2.48$, $p = .016$, $d = 0.61$, as famílias de filhos únicos (M = 3.10, DP = 1.05) apresentaram significativamente mais reações negativas do que as famílias com mais do que um filho (M = 2.52, DP = 0.85).

Reações Parentais: Correlatos com Variáveis do Passado da Criança

As reações de não apoio correlacionaram-se negativamente com a idade de adoção (r = -.36, p = .003) e com o tempo na família biológica (r = -.40, p <.001). Estes resultados sugerem que quanto mais tarde a criança foi adotada, e quanto mais tempo permaneceu na família biológica, menos os pais reagiram às emoções negativas dos filhos de forma não apoiante. Estas correlações encontram-se, também, na Tabela 3.

Reações Parentais: Correlatos Relativos ao Funcionamento Atual da Criança (Desenvolvimento Socioemocional e Funções Executivas)

No que respeita ao funcionamento atual da criança, foram estudadas as correlações entre as reações parentais e o desenvolvimento socioemocional (SEL) e as funções executivas, através das

medidas de memória de trabalho e inibição. Estes resultados encontram-se na Tabela 4. Não foram observadas correlações estatisticamente significativas entre as reações de apoio e as dimensões de funcionamento da criança analisadas. Relativamente às reações de não apoio, verificou-se uma correlação positiva e estatisticamente significativa com as dificuldades de inibição (r = .31, p = .010), indicando que maiores dificuldades de inibição da criança se relacionaram com pontuações mais altas de reações parentais de não apoio. Não foram encontradas relações significativas com o SEL ou com a memória de trabalho (cf. Tabela 4).

Reações Parentais: Correlatos Relativos ao Funcionamento Parental e Familiar

Estes resultados também se encontram apresentados na Tabela 4. As reações de apoio não apresentaram correlações estatisticamente significativas com o stress parental, a sintomatologia depressiva ou a instabilidade familiar. Apenas se observou uma correlação positiva significativa entre o tempo de adoção e as reações de apoio, ou seja, quanto mais tempo de adoção, mais reações de apoio foram reportadas pelos pais (r = .25, p = .045). Em contraste, as reações de não apoio relacionaram-se positivamente com o stress parental (r = .49, p < .001), com a sintomatologia depressiva (r = .49, p < .001) e com a instabilidade familiar (r = .42, p < .001), indicando que quanto mais altos os níveis de stress parental, sintomatologia depressiva dos pais e instabilidade da família adotiva mais frequente a utilização de reações de não apoio por parte dos pais.

Os resultados produzidos pela ANOVA unifatorial demonstraram que a depressão parental, $F(3, 51) = 4.45$, p = .007; η^2 = .21, o stress parental, $F(3, 51) = 3.51$, p = .022; η^2 = .17, e a instabilidade familiar pós-adoção, $F(3, 63) = 3.20$, p = .029; η^2 = .13) apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os perfis parentais. As restantes variáveis não apresentaram diferenças significativas. As comparações a posteriori pelo teste GT2 de Hochberg (e confirmadas pela análise dos subconjuntos homogéneos) revelaram que o perfil "Pouco reativo" (M = 8.75) diferiu significativamente do perfil "Reativo" (M = 17.73, p = .020) e do perfil "Pouco Apoiante" (M = 18.11, p = .044), ao nível da sintomatologia depressiva. No caso do stress parental, as diferenças estatisticamente significativas foram entre o "Pouco Reativo" (M = 1.89) e o perfil "Reativo" (M = 2.53, p = .040). No caso da instabilidade familiar, há valores médios mais elevados na instabilidade familiar (M = 2.73) no perfil "Reativo" quando comparado com o perfil "Pouco Reativo" (M = 1.97, p = .020).

Preditores das Reações de Apoio e de Não Apoio

Considerando as correlações significativas obtidas anteriormente, foram realizadas análises de regressão com o objetivo de estudar a contribuição conjunta das variáveis relacionadas significativamente com as reações parentais de apoio e de não apoio. Relativamente às reações de apoio, a idade atual da criança e o tempo de adoção foram as únicas variáveis que apresentaram correlações estatisticamente significativas com o apoio, tendo sido incluídas como preditores numa regressão linear múltipla. Estes resultados estão na Tabela 5. O modelo foi estatisticamente significativo (R^2 = .18, R^2 ajustado = .16, p = .002), explicando 18% da variância das reações de apoio. Contudo, apenas a idade atual da criança apresentou uma contribuição significativa (β = .44, p = .003), relacionando-se positivamente com as reações de apoio.

No caso das reações parentais de não apoio, tendo sido identificados vários correlatos significativos das reações de não apoio, procedeu-se à análise da sua contribuição conjunta através de uma regressão linear múltipla hierárquica. Os resultados encontram-se descrito na Tabela 6. As variáveis independentes introduzidas foram: idade de adoção; dificuldades de inibição; stress parental e sintomatologia depressiva; instabilidade familiar em pós-adoção. No primeiro modelo, a idade de adoção (variável do passado da criança) explicou 11.0% da variância das reações de não apoio (R^2 = .11, p = .013). A introdução das dificuldades de inibição (funcionamento atual da criança) no segundo modelo acrescentou 9.6% de variância explicada (ΔR^2 = .096, p = .016). No terceiro modelo, a inclusão do stress parental e da sintomatologia depressiva (variáveis parentais) acrescentou 23.4% de variância explicada (ΔR^2 = .23, p < .001), elevando a variância total explicada para 44.0% (R^2 = .44; R^2 ajustado = .40). Neste modelo, a idade de adoção (β = −.37, p = .001) e a sintomatologia depressiva dos pais (β = .34, p = .024) apresentaram contribuições significativas, enquanto a inibição e o stress parental deixaram de ser significativos. Por último, a introdução da instabilidade familiar não aumentou a variância explicada (ΔR^2 = .00, p = .959), pelo que o Modelo 3 foi considerado o modelo mais parcimonioso.

Discussão

A presente investigação pretendeu analisar as reações dos pais adotivos perante as emoções negativas dos filhos, estudando a sua variabilidade em diferentes faixas etárias e a sua relação com variáveis da criança, do seu passado, dos pais e da família. Tendo como guia este objetivo principal, pretendeu-se contribuir para a investigação e prática nesta área, respondendo aos desafios experienciados pelas famílias adotivas.

No que concerne ao primeiro objetivo do estudo, as descobertas indicam que os pais adotivos recorrem a mais reações de apoio do que a reações de não apoio. Ao longo de todas as fases de desenvolvimento da criança, são as reações de apoio focadas no problema que predominam. Este resultado é sustentado pela literatura existente, que aponta que na idade pré-escolar não são frequentes as reações de não apoio (Blair et al., 2014; Fabes et al. 2002; Perry et al., 2020). No entanto, as descobertas contrastam com o estudo de Eisenberg et al. (1999), onde as figuras parentais reagem de forma mais punitiva/não apoiante, quer na idade escolar, quer na adolescência. Note-se, contudo, que estes resultados são em famílias não-adotivas, pelo que os presentes dados, nesta amostra/população, podem significar uma maior sensibilidade dos pais adotivos para o possível impacto de reações de não apoio, punitivas e de minimização, em crianças com passado de adversidade, trauma e perdas.

No seguimento, apurou-se também que as reações variam a sua frequência conforme cada etapa desenvolvimental. Estes resultados vão ao encontro do que se pretendia averiguar no objetivo 1.*ii* e estão em concordância com a literatura existente que postula que as reações parentais face às emoções negativas dos filhos não são estáticas, mas que se adaptam às crescentes exigências e competências de cada fase do desenvolvimento infantil (Eisenberg et al., 1999; Fabes et al., 2002). Segundo o presente estudo, as reações focadas no problema são mais frequentes na idade pré-escolar comparativamente à idade escolar, o que corrobora investigação anterior, em famílias não adotivas (e.g., Fabes et al., 2002). Este aumento no uso de reações focado no problema, pode estar associado ao desenvolvimento cognitivo à aquisição de competências de autorregulação emocional e de linguagem ao longo destas etapas do desenvolvimento. Os resultados apontaram também a angústia parental como uma reação mais frequentemente presente na idade escolar do que na adolescência. De acordo com isto, Eisenberg et al. (1999) verificaram que as figuras parentais apontam elevada frequência de reações punitivas e o aumento da angústia parental, dos 4 aos 8 anos. Também o incentivo à expressão revelou-se ser mais aplicado na idade escolar e na adolescência do que na idade pré-escolar. Em concordância, Tan et al. (2020) afirmam que, em crianças de idade escolar, as reações parentais são maioritariamente de incentivo à expressão emocional.

No que toca à relação entre as diferentes reações que a escala avalia (objetivo 1 iii.), os resultados indicam que as estratégias de apoio (incentivo à expressão, foco no problema e foco na emoção) se associam de forma estreita e positiva entre si, contribuindo todas de modo robusto para

a dimensão global de apoio. Da mesma forma, as estratégias de não apoio (minimização, punição e angústia parental) correlacionam-se fortemente entre si, agrupando-se de forma coesa no indicador global de não apoio. Foi ainda encontrada uma ausência total de correlação entre as variáveis de apoio e as de não apoio, como consta na investigação existente (Fabes et al., 2002; Soares, 2018).

No que concerne ao objetivo 1.iv, para além da ausência total de correlação entre as variáveis de apoio e não apoio, como mencionado anteriormente, os resultados comprovam a coexistência das reações de apoio com as reações de não apoio como sendo duas variáveis que não se excluem, mas são independentes. Ao ser encontrado um perfil parental reativo, que se caracteriza por reações elevadas de apoio, mas também de não apoio, comprovou-se a evidência da coexistência. Acrescenta-se ainda que os participantes apresentam uma distribuição praticamente homogénea pelos quatro quadrantes analisados, ainda que tenha sido possível aferir a associação entre os perfis parentais e as etapas de desenvolvimento da criança, ao verificar-se uma tendência para observar mais pais "pouco reativos" e "pouco apoiantes" na fase pré-escolar, do que seria esperado pelo acaso. Por outro lado, na idade escolar, encontram-se mais pais "pouco apoiantes" e "reativos" do que o esperado. Já na adolescência, prevalece o perfil "Apoiante", o que diverge da literatura que aponta para o intensificar de reações não apoiantes com o aproximar da adolescência (Byrd et al., 2022; Jones et al., 2025). Estes resultados distintos podem dever-se ao facto de a maior parte da amostra ter sido adotada em idades precoces, o que permite aos pais adotivos um período alargado de convivência familiar, assumindo mais atitudes apoiantes e compreensivas aquando da transição para adolescência. A evidência empírica existente está alinhada com a descoberta efetuada, ao apresentar que as reações de apoio e de não apoio face às emoções negativas das crianças não representam extremos opostos de um único contínuo bipolar (Soares, 2018; Wong et al., 2009).

No que diz respeito à relação entre as características sociodemográficas (da criança e dos pais) e as reações parentais, verificou-se a inexistência de diferenças significativas entre a mãe e o pai no tipo de reações parentais dadas. A literatura existente não se apresenta alinhada com o resultado apurado, na medida em que reporta que as mães apresentam níveis mais elevados do que os pais nas três reações de apoio (reações focadas no problema, focadas na emoção e de incentivo à expressão emocional), enquanto os pais apresentam níveis mais elevados do que as mães nas reações punitivas e de minimização (Eisenberg et al., 1996, 1998). Na mesma linha, Fivush et al.

(2000) acrescentam que são as mães as que evidenciam maior abertura para falar sobre as emoções. Tendo em conta que a amostra do estudo são pais adotivos, estes atravessam o processo de avaliação e preparação para a adoção que os expõe de forma equitativa a conteúdos de literacia emocional e reflexão sobre as necessidades específicas da criança adotada, promovendo uma maior convergência nas suas práticas educativas e uma vivência de coparentalidade altamente cooperativa.

De acordo com o que se manifesta a literatura, a idade parental no presente estudo também não se correlacionou significativamente nem com o apoio nem com o não apoio (Cabecinha-Alati et al., 2024; Kosari et al., 2022; Wong et al., 2009). No âmbito da escolaridade das figuras parentais, não foram encontradas diferenças significativas. Este resultado pode dever-se à caracterização da amostra, na qual a totalidade dos participantes possuía, no mínimo, o ensino secundário. Apesar da literatura associar frequentemente maior literacia materna a um perfil mais apoiante e a menor recurso a reações de não apoio (ex., Doan & Song, 2022; Fabes et al., 2002; Kosari et al., 2022), a ausência de participantes com baixos níveis de escolaridade no presente estudo poderá ter atenuado estas diferenças.

De forma semelhante, o presente estudo apurou que não se observam diferenças significativas entre o sexo da criança nas reações parentais. Uma vez mais, este contributo difere da literatura já existente (e.g., Chaplin & Aldao, 2013; Eisenberg et al., 1998). Alusivo à idade, apurou-se que quanto mais velha a criança, mais serão as reações de apoio que receberá. Para além disso, a relevância da idade atual da criança foi reforçada na análise de regressão, na qual se manteve significativamente associada às reações de apoio, mesmo considerando simultaneamente o tempo de adoção. Pelo contrário, embora o tempo de adoção apresentasse uma correlação positiva com o apoio, esta associação deixou de ser significativa quando considerada conjuntamente com a idade atual da criança. Este resultado sugere que a idade atual da criança poderá ser mais relevante para compreender as diferenças nas reações de apoio do que o tempo de adoção. A literatura postula a tendência no início da adolescência aumentarem as reações parentais menos apoiantes, a literatura específica da adoção salienta que uma maior duração da convivência familiar e a estabilidade do ecossistema adotivo desempenham um papel protetor significativo (ex., Anthony et al., 2019). No presente estudo, a amostra caraterizou-se por uma idade média de adoção precoce (com uma média de 5 anos), o que proporcionou um período mais alargado de ajustamento mútuo e coabitação antes

da chegada à adolescência. Deste modo, a maior maturidade da relação e a continuidade do suporte familiar parecem mitigar a emergência de reações parentais de não apoio nesta etapa do desenvolvimento.

De acordo com o que se manifesta a literatura, a idade parental no presente estudo também não se correlacionou significativamente nem com o apoio nem com o não apoio (Cabecinha-Alati et al., 2024; Kosari et al., 2022; Wong et al., 2009). No âmbito da escolaridade das figuras parentais, não foram encontradas diferenças significativas. Este resultado pode dever-se à caracterização da amostra, na qual a totalidade dos participantes possuía, no mínimo, o ensino secundário. Apesar da literatura associar frequentemente maior literacia materna a um perfil mais apoiante e a menor recurso a reações de não apoio (ex., Doan & Song, 2022; Fabes et al., 2002; Kosari et al., 2022), a ausência de participantes com baixos níveis de escolaridade no presente estudo poderá ter atenuado estas diferenças. Para além disso, a escolaridade por si só nem sempre constitui um preditor direto da qualidade das dinâmicas familiares (Soares et al., 2017).

Remetente às fratrias, concluiu-se que as crianças sem irmãos recebem mais reações de não apoio do que crianças com irmãos, o que contraria alguma investigação anterior (e.g., Fabes et al. 2002). Esta divergência pode ser lida à luz das dinâmicas da parentalidade adotiva. No contexto adotivo, a ausência de irmãos traduz a primeira experiência enquanto pais, com as expetativas e desafios nunca experienciados, o que pode levar ao desgaste e consequente a reações de não apoio.

Remetente ao objetivo 3, o número de ACES, a negligência e o tempo de acolhimento, foram variáveis que não revelaram associação significativa com o apoio e com o não apoio. A investigação existente em adoção aponta a importância da idade da criança aquando adotada para as suas competências sociais na idade escolar (Julian & McCall, 2016; Soares et al., 2019), estando por isto, a adoção tardia, associadas a maiores desafios na parentalidade, onde os pais adotivos registam menos apoio manifestado (Anthony et al., 2019). As descobertas do presente estudo, contrapõem esta tendência, demonstrando que quanto mais tarde a criança for adotada, menos serão as reações de não apoio por parte das figuras parentais. Importa ainda salientar que esta associação se manteve na análise de regressão, mesmo após a introdução de variáveis relativas ao funcionamento atual da criança e ao funcionamento parental, reforçando a relevância da idade de adoção para a compreensão das reações de não apoio. De forma semelhante, também foram apurados resultados reveladores que quanto mais tempo da criança em família biológica, menos serão as reações de não apoio parentais aquando adotadas.

Ao explorar de que forma o funcionamento atual da criança se associa às reações parentais de apoio e não apoio (Objetivo 4), verificou-se que o SEL e a memória de trabalho não apresentam relações significativas com as reações de apoio, nem com as do não apoio. No entanto, quando as crianças apresentam mais dificuldades de inibição, são dadas mais reações de não apoio pelas figuras parentais. Este resultado encontra-se concordante com Eisenberg et al. (1998), ao afirmarem que estando as FE implicadas na regulação emocional, uma criança com maior domínio das FE eliciará reações parentais mais apoiantes por parte dos cuidadores. De igual forma, regular melhor as emoções e os comportamentos fazem com que a criança se expresse de forma mais adequada, podendo suscitar reações parentais mais apoiantes, em vez de necessitar de uma intervenção corretiva ou desgastante por parte do cuidador (Eisenberg et al., 1998). Contudo, esta associação não se manteve significativa após a introdução das variáveis de funcionamento parental no modelo de regressão, sugerindo que a relação entre as dificuldades de inibição da criança e as reações de não apoio, não é independente do funcionamento psicológico dos pais.

Complementarmente às análises anteriores, foram investigadas as variáveis associadas aos pais e às dinâmicas familiares. Neste sentido, os resultados encontrados apontam que quanto maior o stress experienciado pelos pais, maiores serão as reações de não apoio face às emoções negativas da criança. Para além disto, embora o stress parental se tenha relacionado significativamente com as reações de não apoio, não apresentou uma contribuição independente significativa no modelo de regressão após a introdução simultânea da sintomatologia depressiva. Este resultado poderá refletir a variância partilhada entre estas dimensões do funcionamento parental. Condizente com estas descobertas, o stress acumulado afeta os pais, fazendo aumentar a angústia emocional e provocando sintomas de depressão, ansiedade e hostilidade, levando-os a reagir com afastamento emocional, punição e hostilidade (Conger & Conger, 2002; Dix, 1992). Com resultados semelhantes, quanto maior a instabilidade familiar, mais serão as reações de não apoio parental. Apesar desta correlação significativa com as reações de não apoio, a instabilidade familiar não acrescentou variância explicada ao modelo depois de consideradas as restantes variáveis. Este resultado sugere uma sobreposição entre a instabilidade familiar e outros indicadores do funcionamento parental e familiar considerados no modelo.

Por fim, acrescenta-se que a instabilidade está associada a perfis reativos parentais, o que realça que o ambiente familiar pós adoção deve ser estável, para evitar dificultar a consolidação de práticas de suporte consistentes que levam os pais a reagir de forma menos apoiante. Esta

descoberta vai ao encontro do que a literatura aponta, dado que, Repetti et al. (2002) concluíram que ambientes familiares desregulados e conflituosos associam-se a uma diminuição das reações parentais de apoio, afeto e acolhimento emocional. As descobertas realizadas revelam, ainda, a sintomatologia depressiva como um fator determinante nas reações de não apoio. Esta variável emergiu como preditor significativo e positivo e suplantou o impacto do stress parental e das dificuldades de inibição da criança. Também a literatura aponta que sintomas de depressão, ansiedade e hostilidade levam a uma diminuição da parentalidade positiva e a um aumento de práticas parentais disfuncionais (Conger & Conger, 2002)**.** Os pais do perfil "Reativo" e do "pouco apoiante", caracterizados por maior stress, mais depressão e maior estabilidade familiar, são mais suscetíveis a dispor de uma menor margem de contenção e bem-estar psicológico, estando assim mais próximos de reações de não apoio.

Em suma, os resultados encontrados permitem responder ao objetivo geral a que o estudo se propôs, percebendo assim as reações dos pais adotivos perante as emoções negativas dos filhos, de acordo com as diferentes etapas desenvolvimentais e a relação que as variáveis possuem com as reações parentais. Apesar da relevância deste estudo, importa, contudo, enumerar algumas limitações na interpretação dos resultados. Primeiramente, a amostra foi selecionada do projeto Adopt, cujos respondentes usufruem de conhecimento e acompanhamento que os sensibilizam e conscientizam para os desafios advindos da adoção, o que pode não retratar fielmente a diversidade da população geral de famílias adotivas. Para além disso, os dados foram recolhidos por questionários preenchidos exclusivamente pelos pais, não sabendo assim se as reações parentais que apontam dar são as mesmas perspetivadas pelos filhos e se não estão enviesadas pelo informante (Soares, 2018). Em investigações futuras seria oportuno debruçar-se sobre o efeito protetor da presença de irmãos nas reações de não apoio, bem como, acompanhar as mesmas famílias ao longo da transição entre diferentes etapas desenvolvimentais (longitudinalmente), a fim de observar se os perfis parentais se alteram.

Conclusão

A presente dissertação propôs-se aprofundar a compreensão sobre os padrões de reações de pais adotivos perante as manifestações emocionais negativas dos seus filhos, examinando a sua variabilidade ao longo das etapas desenvolvimentais e a sua relação com diferentes variáveis,

preenchendo esta lacuna literária. Entre os resultados encontrados, apuram-se as principais conclusões:

1) em todas as etapas do desenvolvimento, as figuras parentais utilizam em média mais reações de apoio do que as de não apoio. As reações focadas no problema aumentam significativamente da idade pré-escolar para a escolar, faixa etária caracterizada por uma crescente autonomia da criança para a resolução dos seus problemas.

2) Comprovou-se a coexistência de reações de apoio e não apoio, por se tratar de variáveis independentes que se manifestam simultaneamente no perfil reativo. A mesma figura parental pode reagir de forma apoiante e não apoiante em diferentes cenários quotidianos.

3) O sexo da figura parental, o sexo da criança e a escolaridade não apresentam diferenças significativas no tipo de reações parentais. Já as fratrias, nomeadamente não ter irmãos, associa-se a níveis significativamente mais elevados de reações de não apoio.

4) As reações de apoio correlacionam-se positivamente com o stress, a instabilidade familiar e as dificuldades de inibição da criança.

5) A idade atual da criança é a única preditora significativa das reações de apoio

6) A sintomatologia depressiva e a idade de adoção são preditoras finais significativos das reações de não apoio. A sintomatologia depressiva suplantou o impacto do stress parental e das dificuldades de inibição da criança, demonstrando assim que a vulnerabilidade parental tem mais influencia nas reações de não apoio do que as variáveis inerentes à criança (como a dificuldade na inibição).

7) O perfil parental "Reativo" apresenta níveis mais elevados de depressão, stress e instabilidade familiar pós-adoção, por oposição ao perfil **“**Pouco Reativo”, que se distingue como um fator protetor e de maior equilíbrio no ajustamento familiar.

Desta forma, o estudo desenvolvido evidencia os cuidados que devem ser transmitidos aos pais para que desempenhem funções parentais baseadas em reações emocionais de apoio face às manifestações emocionais negativas dos filhos. Sendo este um aspeto essencial para o desenvolvimento socioemocional da criança, é importante capacitar os pais com estratégias de regulação emocional e consistência comportamental perante a expressividade negativa dos filhos. Para além disso, torna-se crucial munir os pais adotivos de ferramentas e proporcionar acompanhamento em pós-adoção que previnam sintomas de depressão. Por fim, a constatação de que, em idades de adoção mais tardias, não há tendência de ocorrerem reações de não apoio revela

que a idade mais avançada de adoção constitui um fator protetor, algo que desmistifica estigmas associados à adoção tardia das crianças.

Referências:

Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): Um questionário de avaliação da meta-emoção parental. Em A. S. Silva et al. (Orgs.), *Avaliação psicológica: Instrumentos e contextos*. PsiquilibriUs.

Anderson, P. (2002). Assessment and development of Executive Function (EF) during childhood. *Child Neuropsychology*, *8*(2), 71–82. https://doi.org/10.1076/chin.8.2.71.8724

Anthony, C. J., DiPerna, R. J., & Elliott, S. N. (2020). *SSIS SEL Brief Scales – Parent Preschool Form*. NCS Pearson.

Anthony, R. E., Paine, A. L., & Shelton, K. H. (2019). Adverse childhood experiences of children adopted from care: The importance of adoptive parental warmth for future child adjustment. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *16*(12), 2212. https://doi.org/10.3390/ijerph16122212

Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Palacios, J., Baptista, J., Alves, D., Cruz, O., Abreu Lima, I., Canário, C., Magalhães, E. (2023). AdoPt - Adoptive families' strengths, difficulties, and service needs: A Portuguese follow-up study. https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2K3MB

Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021a). *Questionário sobre Experiências e Contextos do Passado da Criança.* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. (Instrumento não publicado).

Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2021b). *Inventário de Funcionamento Executivo de Adolescentes (TEXI) para Pais e Professores.* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Instrumento não publicado)

Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Palacios, J., Baptista, J., Alves, D., Cruz, O., Abreu Lima, I., Canário, C., Magalhães, E. (2023). AdoPt - Adoptive families' strengths, difficulties, and service needs: A Portuguese follow-up study. https://doi.org/10.17605/OSF.IO/2K3MB

Barroso, R., Barbosa-Ducharne, M., Cruz, O., & Silva, A. (2018). Competência social em adolescentes adotados: Estudo comparativo com adolescentes não adotados e em acolhimento residencial. *Análise Psicológica*, *36*(2), 185–197. https://doi.org/10.14417/ap.1352

Berry, J. O., & Jones, W. H. (1995). The Parental Stress Scale: Initial psychometric evidence. *Journal of Social and Personal Relationships*, *12*(3), 463–472.

Bertie, L. A., Williams, K. L., & Hudson, J. L. (2021). Parent emotion regulation and its relation to parenting behaviors: A systematic review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 24(4), 780–804. https://doi.org/10.1007/s10567-021-00359-w https://doi.org/10.1177/0265407595123009

Blair, B. L., Perry, N. B., O'Brien, M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2014). The indirect effects of maternal emotion socialization on friendship quality in middle childhood. *Developmental Psychology*, *50*(2), 566–576. https://doi.org/10.1037/a0033532

Blake, A. J., Ruderman, M., Waterman, J. M., & Langley, A. K. (2022). Long-term effects of pre-adoptive risk on emotional and behavioral functioning in children adopted from foster care. *Child Abuse & Neglect*, *130*, 105031. https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105031

Brodzinsky, D., & Smith, S. L. (2019). Commentary: Understanding research, policy, and practice issues in adoption instability. *Research on Social Work Practice*, 29(2), 185–194. https://doi.org/10.1177/1049731518782647

Brodzinsky, D. M. (2011). Children's understanding of adoption: Developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice*, *42*(2), 200–207. https://doi.org/10.1037/a0022415

Byrd, A. L., Vine, V., Frigoletto, O. A., Vanwoerden, S., & Stepp, S. D. (2022). A multi-method investigation of parental responses to youth emotion: Prospective effects on emotion dysregulation and reactive aggression in daily life. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, *50*(2), 117–131. https://doi.org/10.1007/s10802-020-00754-0

Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning. (2020). *CASEL's SEL framework: What are the core competence areas and where are they promoted?* Collaborative for academic, social, and emotional learning. https://casel.org/casel-sel-framework-11-2020/

Cabecinha-Alati, S., Montreuil, T. C., Pirro, T., & Langevin, R. (2024). Multilevel factors associated with unsupportive emotion socialization: An examination of child maltreatment and its sequelae. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, *17*(4), 1041–1056. https://doi.org/10.1007/s40653-024-00640-7

Chaplin, T. M., & Aldao, A. (2013). Gender differences in emotion expression in children: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *139*(4), 735–765. https://doi.org/10.1037/a0030737

Choi, H., & Kang, J. (2021). The relationship between parental stress and non-supportive responses to children's negative emotions: The mediating role of parental depression. *Journal of Child and Family Studies*, 30(5), 1234–1245. https://doi.org/10.1007/s10826-021-01942-1

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Conger, R. D., & Conger, K. J. (2002). Resilience in midwestern families: Selected findings from the first decade of a prospective, longitudinal study. *Journal of Marriage and Family*, *64*(2), 361–373. https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2002.00361.x

Deater-Deckard, K. (2004). *Parenting stress*. Yale University Press.

Deater-Deckard, K., Wang, Z., Chen, N., & Bell, M. A. (2012). Maternal executive function, harsh parenting, and child conduct problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *53*(10), 1084–1091. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02582.x

Denham, S. A., Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K., Auerbach, S., & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: Direct and indirect effects. *Motivation and Emotion*, *21*(1), 65–86. https://doi.org/10.1023/A:1024426431247

Dix, T. (1992). Parenting on behalf of the child: Empathic goals in the regulation of responsive parenting. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-Delisi, & J. J. Goodnow (Eds.), *Parental belief systems: The psychological consequences for children* (2nd ed., pp. 319–346). Lawrence Erlbaum Associates.

Doan, S. N., & Song, Q. (2022). Culture, emotion socialization and children's inhibitory control. *Journal of Cognition and Development*, *23*(5), 591–607. https://doi.org/10.1080/15248372.2022.2072847

Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental socialization of emotion. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 241–273. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1

Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, *67*(5), 2227. https://doi.org/10.2307/1131620

Eisenberg, N., Fabes, R. A., Shepard, S. A., Guthrie, I. K., Murphy, B. C., & Reiser, M. (1999). Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. *Child Development*, *70*(2), 513–534. https://doi.org/10.1111/1467-8624.00037

Elliott, S. N., DiPerna, R. J., & Anthony, C. J. (2021). *SSIS SEL Brief Scales – Parent K-12 Form*. NCS Pearson.

Fabes, R. A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990b). Coping with children's negative emotions scale: Description and scoring. Available from: http://ccnes.org. Arizona State University.

Fabes, R. A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990a). *The Coping with Children's Negative Emotions Scale: Description and scoring* [Manuscrito não publicado]. Arizona State University.

Fabes, R. A., Poulin, R. E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, D. A. (2002). The coping with children's negative emotions scale (CCNES): Psychometric properties and relations with children's emotional competence. *Marriage & Family Review*, *34*(3–4), 285–310. https://doi.org/10.1300/J002v34n03_05

Fay-Stammbach, T., Hawes, D. J., & Meredith, P. (2014). Parenting influences on executive function in early Childhood: A review. *Child Development Perspectives*, *8*(4), 258–264. https://doi.org/10.1111/cdep.12095

Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of childhood abuse and household dysfunction to many of the leading causes of death in adults. *American Journal of Preventive Medicine*, *14*(4), 245–258. https://doi.org/10.1016/S0749-3797(98)00017-8

Fivush, R., Brotman, M. A., Buckner, J. P., & Goodman, S. H. (2000). Gender differences in parent-child emotion narratives. *Sex Roles*, *42*(3–4), 233–251. https://doi.org/10.1023/A:1007091207068

Gentzler, A. L., Contreras-Grau, J. M., Kerns, K. A., & Weimer, B. L. (2005). Parent–child emotional communication and children's coping in middle childhood. *Social Development*, *14*(4), 591–612. https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2005.00319.x

Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology, 10*(3), 243–268. https://doi.org/10.1037/0893-3200.10.3.243 https://doi.org/10.1080/0305764X.2016.1195788

Henrique, B. (2022). Adoptee- and adopter-related predictors of adoption (in)Stability. (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto.

https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/145365/2/591267.pdf

Jones, J. D., Fraley, R. C., Stern, J. A., Lejuez, C. W., & Cassidy, J. (2025). Developmental trajectories of adolescent internalizing symptoms and parental responses to distress. *Development and Psychopathology*, *37*(2), 603–614. https://doi.org/10.1017/S0954579424000361

Julian, M. M., & McCall, R. B. (2016). Social skills in children adopted from socially-emotionally depriving institutions. *Adoption Quarterly*, *19*(1), 44–62. https://doi.org/10.1080/10926755.2015.1088106

Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). The Guilford Press.

Kosari, F., Esmaeilinasab, M., Mirabile, S., & Speranza, M. (2022). Psychometric properties of the persian version of the coping with children's negative emotions scale. *Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences*, *16*(3). https://doi.org/10.5812/ijpbs-121951

Mirabile, S. P. (2014). Parents' inconsistent emotion socialization and children's socioemotional adjustment. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *35*(5), 392–400. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2014.06.003

Mixão, M. L., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de stress parental. In I. Leal & J. Maroco (Eds). Avaliação em sexualidade e parentalidade (pp. 187-206). LivPsic.

Miyake, A., Friedman, N. P., Emerson, M. J., Witzki, A. H., Howerter, A., & Wager, T. D. (2000). The unity and diversity of executive functions and their contributions to complex "frontal fobe" tasks: A latent variable analysis. *Cognitive Psychology*, *41*(1), 49–100. https://doi.org/10.1006/cogp.1999.0734

Moura, O., Leite, M., Albuquerque, C. P., Vilar, M., Seabra Santos, M. J., Lopes, A. F., Pereira, M., & Simões, M. R. (2019). Inventário de Funcionamento Executivo de Crianças (CHEXI) [Portuguese version of the Childhood Executive Functioning Inventory]. https://chexi.se/

Nelson, C. A., Bhutta, Z. A., Burke Harris, N., Danese, A., & Samara, M. (2020). Adversity in childhood is linked to mental and physical health throughout life. *BMJ*, m3048. https://doi.org/10.1136/bmj.m3048

Palacios, J., Adroher, S., Brodzinsky, D. M., Grotevant, H. D., Johnson, D. E., Juffer, F., Martínez-Mora, L., Muhamedrahimov, R. J., Selwyn, J., Simmonds, J., & Tarren-Sweeney, M. (2019). Adoption in the service of child protection: An international interdisciplinary perspective. *Psychology, Public Policy, and Law*, *25*(2), 57–72.

https://doi.org/10.1037/law0000192

Perry, N. B., Dollar, J. M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2020). Maternal socialization of child emotion and adolescent adjustment: Indirect effects through emotion regulation. *Developmental Psychology*, *56*(3), 541–552.

https://doi.org/10.1037/dev0000815

Projeto Adopt. (2021). Questionário Sociodemográfico. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Instrumento não publicado).

Radloff, L. S. (1977). The CES-D scale: A self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurements, 1,* 385-401. https://doi.org/10.1177/014662167700100306

Ragozin, A. S., Basham, R. B., Crnic, K. A., Greenberg, M. T., & Robinson, N. M. (1982). Effects of maternal age on parenting role. *Developmental Psychology*, *18*(4), 627–634. https://doi.org/10.1037/0012-1649.18.4.627

Repetti, R. L., Taylor, S. E., & Seeman, T. E. (2002). Risky families: Family social environments and the mental and physical health of offspring. *Psychological Bulletin*, *128*(2), 330–366. https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.2.330

Riggs, N. R., Jahromi, L. B., Razza, R. P., Dillworth-Bart, J. E., & Mueller, U. (2006). Executive function and the promotion of social–emotional competence. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *27*(4), 300–309. https://doi.org/10.1016/j.appdev.2006.04.002

Smiley, P. A., Ahn, A., Blackard, M. B., Borelli, J. L., & Doan, S. N. (2024). Undoing mothers' avoidant coping with children's negative emotion: A randomized controlled trial of relational savoring. *Journal of Family Psychology*, *38*(3), 365–376. https://doi.org/10.1037/fam0001186

Soares, J. (2018). *Preditores individuais, familiares e extrafamiliares da competência social em crianças adotadas: Um estudo multi-informantes* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.

Soares, J., & Barbosa-Ducharne, M. (2021). *Escala de Competência SocioEmocional.* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Instrumento não publicado).

Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Pacheco, A. (2017). Adopted children's emotion regulation: The role of parental attitudes and communication about adoption. *Psicothema*, *29*(1), 49–54. https://doi.org/10.7334/psicothema2016.71

Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., Moreira, M., Fonseca, S., & Cruz, O. (2019). Adopted children's social competence: The interplay between past and present influences. *Family Relations*, *68*(5), 565–579. https://doi.org/10.1111/fare.12391

Soares, J., Henrique, M., & Barbosa-Ducharne, M. (2023a). *Questionário de Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos: Versão 3–4 anos (CTNES)* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Soares, J., Henrique, M., & Barbosa-Ducharne, M. (2023b). *Questionário de Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos: Versão 12–18 anos (CANES)* [Instrumento não publicado]. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Soares, J., Henrique, Vilhena, H., & Barbosa-Ducharne, M. (2021). *Center for Epidemiological Studies Depression Scale (CES-D): Versão portuguesa.* Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Instrumento não publicado).

Soares, J., Vilhena, H., & Barbosa-Ducharne, M. (2021). Escala de Autoeficácia Parental. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. (Instrumento não publicado).

Spinrad, T. L., Eisenberg, N., Gaertner, B., Popp, T., Smith, C. L., Kupfer, A., & Hofer, C. (2007). Relations of maternal socialization and toddlers' effortful control to children's adjustment and social competence. *Developmental Psychology*, *43*(5), 1170–1186. https://doi.org/10.1037/0012-1649.43.5.1170

Tan, P. Z., Oppenheimer, C. W., Ladouceur, C. D., Butterfield, R. D., & Silk, J. S. (2020). A review of associations between parental emotion socialization behaviors and the neural substrates of emotional reactivity and regulation in youth. *Developmental Psychology*, *56*(3), 516–527. https://doi.org/10.1037/dev0000893

Thorell, L. B., Lazarević, N., Milovanović, I., & Bugarski Ignjatović, V. (2020). 31 Psychometric properties of the Teenage Executive Functioning Inventory (TEXI): A freely available questionnaire for assessing deficits in working memory and inhibition among adolescents. *Child Neuropsychology, 26*(6), 857-864. https://doi.org/10.1080/09297049.2020.1726885

Thorell, L. B., & Nyberg, L. (2008). The Childhood Executive Functioning Inventory (CHEXI): A new rating instrument for parents and teachers. *Developmental Neuropsychology, 33*(4), 536–552. https://doi.org/10.1080/87565640802101516

Webster, E. M. (2022). The impact of adverse childhood experiences on health and development in young children. *Global Pediatric Health*, *9*, Article 2333794X221078708. https://doi.org/10.1177/2333794X221078708

Wong, M. S., McElwain, N. L., & Halberstadt, A. G. (2009). Parent, family, and child characteristics: Associations with mother- and father-reported emotion socialization practices. *Journal of Family Psychology*, *23*(4), 452–463. https://doi.org/10.1037/a0015552

Zelazo, P. D., Anderson, J. E., Richler, J., Wallner-Allen, K., Beaumont, J. L., & Weintraub, S. (2013). NIH Toolbox Cognition Battery (CB): Measuring executive function and attention. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *78*(4), 16–33. https://doi.org/10.1111/mono.12032

Tabela 1

Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos: Estatística Descrita do CTNES, CCNES e CANES e Comparação entre Faixas Etárias

Escalas/Subescalas	CTNES (pré-escolar) *n* = 6	CCNES (escolar) *n* =23	CANES (adolescência) *n* =38	Teste Welch (df1, df2)	*p*	η^2	Total (*N* = 67)
Angústia Parental	2.97 (0.65)[a,b]	3.36 (0.69)[a]	2.38 (1.14)[b]	8.38 (2, 16.04)	.003	.19	2.77 (1.06)
Punitivas	3.08 (1.41)[a]	2.38 (0.95)[a]	2.22 (0.92)[a]	1.08 (2, 12.86)	.368	.06	2.35 (0.99)
Minimização	3.94 (1.23)[a]	3.17 (1.22)[a]	3.23 (1.40)[a]	0.94 (2, 14.43)	.415	.03	3.28 (1.32)
Incentivo expressão emocional	4.33 (0.56)[a]	5.30 (0.92)[b]	5.83 (0.67)[b]	17.48 (2, 15)	< .001	.26	5.52 (0.87)
Focada Problema	5.28 (1.03)[a]	5.88 (0.77)[b]	6.33 (0.55)[a,b]	5.22 (2, 12.37)	.023	.20	6.08 (0.75)
Focada Emoção	4.96 (1.13)[a]	5.50 (0.93)[a]	5.71 (0.72)[a]	1.42 (2, 12.70)	.277	.06	5.57 (0.85)
Satisfação de desejos	2.23 (0.61)	-	-	-	-	-	-
Reações Não apoio	3.33 (1.03)[a]	2.97 (0.90)[a]	2.61 (1.01)[a]	1.78 (2, 13.88)	.205	.06	2.80 (0.99)
Reações Apoio	4.86 (0.87)[a]	5.56 (0.71)[a]	5.96 (0.53)[a]	6.18 (2, 12.56)	.014	.22	5.72 (0.70)

Nota. As subescalas Angústia Parental, Punitivas e Minimização compõem a dimensão global Reações de Não Apoio. As subescalas Incentivo à Expressão Emocional, Focada no Problema e Focada na Emoção compõem a dimensão global Reações de Apoio. A subescala Satisfação de Desejos é específica do questionário CTNES.

Tabela 2

Matriz de Correlações Entre as Reações Parentais de Apoio e Não Apoio

Variável	*M*	*DP*	*Min-Máx*	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Reações de Apoio	5.72	0.70	3.17 – 6.85	-							
2. Reações de Não Apoio	2.80	0.99	1.11 – 5.72	-.05	-						
3. Angústia	2.77	1.06	1.00 – 5.17	-.06	.82***	-					
4. Minimização	3.28	1.32	1.22 – 7.00	.02	.89***	.52***	-				
5. Punição	2.35	0.99	.1.00 – 5.50	.-.11	.93***	.69***	.78***	-			
6. Incentivo expressão emocional	5.52	0.87	.3.33 – 6.89	.82***	-.19	-.15	.30	-.06	-		
7. Focada no problema	6.08	0.75	3.25 – 7.00	.92***	-.15	-.13	-.09	-.18	.68***	-	
8. Focada na emoção	5.57	0.85	.2.92 – 7.00	.82***	.19	.12	.26*	.11	.41***	.69***	-

Nota. $*p < .05$. $**p < .01$. $*** p < .001$.

Tabela 3

Estatísticas Descritivas e Correlações de Pearson entre as Reações Parentais, Variáveis Sociodemográficas e Histórico Pré-Adotivo

Variável	*M*	*DP*	*Min-Máx*	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Reações Apoio	5.72	0.70	3.17 - 6.85	-								
2. Reações Não Apoio	2.80	0.99	1.11 - 5.72	-.05	-							
3. Idade Criança	12.62	4.15	3.75 - 22.58	.43***	-.18	-						
4. Idade Pais	47.70	4.71	38.00-58.00	.02	.02	.37**	-					
5. Nº pessoas do agregado	1.48	0.89	0.00 - 3.00	-.13	-.23	-.08	.04	-				
6. Idade Adoção	5.45	3.77	0.42 - 18.00	.19	-.36**	.43***	-.10	.14	-			
7. Tempo Acolhimento	2.98	1.64	0.33 - 8.33	.01	-.10	.01	-.15	.16	.62***	-		
8. Tempo Fam. Biológica	2.37	2.98	0.00 - 13.00	.23	-.40***	.53***	-.06	.09	.89***	.21	-	
9. ACES (total)	4.52	1.65	2.00 - 8.00	.16	-.16	.24*	-.07	-.02	.59***	.32**	.58***	

Nota. ACES = Experiências Adversas na Infância (*Adverse Childhood Experiences*). As idades e tempos encontram-se expressos em anos.

*$p < .05$. **$p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 4

Estatísticas Descritivas e Correlações de Pearson entre as Reações Parentais e Variáveis do Funcionamento da Criança, Variáveis Parentais e da Família Adotiva

Variável	*M*	*DP*	*Min-Máx*	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Reações de Apoio	5.72	0.70	3.17 – 6.85	1								
2. Reações de Não Apoio	2.80	0.99	1.11 – 5.72	-.05	1							
3. SEL	1.59	0.57	0.45 – 3.00	-.13	-.22	1						
4. Memória trabalho (FE)	3.22	1.01	1.00 – 5.00	.16	.16	-.49***	1					
5. Inibição (FE)	3.51	0.87	1.00 – 4.91	.11	.31*	-.64***	.73***	1				
6. Stress parental	2.20	0.67	1.00 – 4.33	.14	.49***	-.42***	.47***	.34*	1			
7. Depressão	13.45	8.90	0.00 – 38.00	.11	.49***	-.38**	.39**	.34*	.68***	1		
8. Tempo adoção	5.42	3.95	0.25 - 15.00	.25*	.14	-.03	-04	-.01	.07	.07	1	
9. Instabilidade	2.31	0.78	1.13 – 4.46	.07	.42**	-.65***	.46***	.45***	.80***	.66	.04	1

Nota. SEL = *Social-Emotional Learning* (Aprendizagem Socioemocional). A memória de trabalho e a inibição constituem medidas de FE (Funções Executivas).

*$p < .05$. **$p < .01$. *** $p < .001$.

Tabela 5

Regressão Linear Múltipla das Reações Parentais de Apoio

Modelo e Preditores	*B*	*SE*	*β*	*p*	R^2	R^2 ajust.	*p*
					.18	.16	.002
Idade Atual da Criança	0.07	0.02	.44	.003			
Tempo de Adoção	-0.002	.02	-.01	.925			

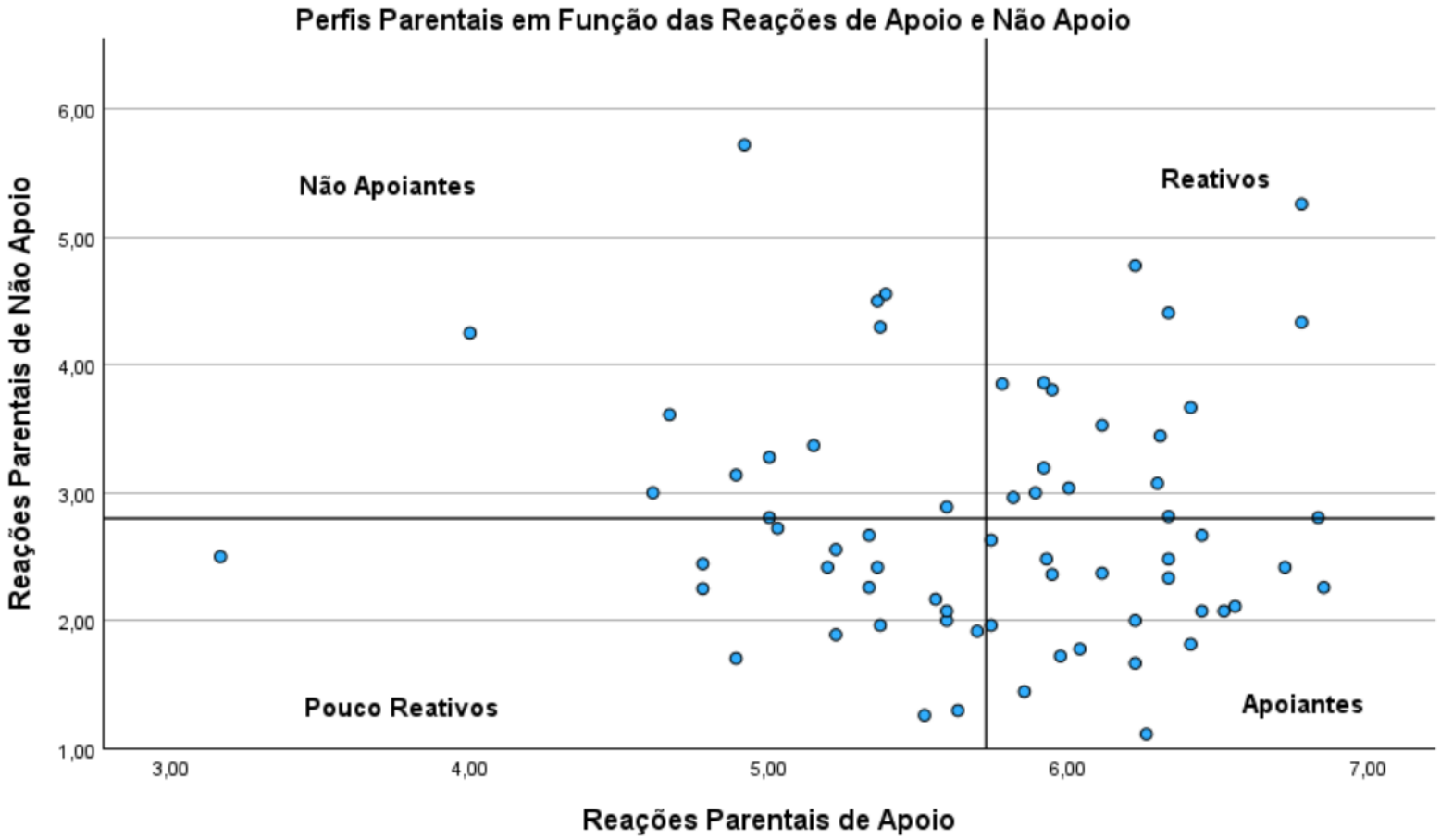
Tabela 6

Regressão Linear Hierárquica das Reações Parentais de Não Apoio

Modelo e Preditores	*B*	*SE*	*β*	*p*	R^2	R^2 ajust.	ΔR^2	*p* ΔF
Modelo 1					.11	.09	.11	.013
Idade de adoção	−0.10	0.04	−.33	.013				
Modelo 2					.21	.18	.10	.016
Idade de adoção	−0.09	0.04	−.31	.015				
Dificuldade de Inibição (Função Executiva)	0.38	0.15	.31	.016				
Modelo 3					.44	.40	.23	< .001
Idade de adoção	−0.11	0.03	−.37	.001				
Dificuldade de Inibição (Função Executiva)	0.14	0.14	.11	.324				
Stress parental	0.35	0.23	.23	.128				
Sintomatologia depressiva dos pais	0.04	0.02	.34	.024				
Modelo 4					.44	.38	.00	.959
Idade de adoção	−0.11	0.03	−.37	.001				
Dificuldade de Inibição (Função Executiva)	0.14	0.15	.11	.361				
Stress parental	0.34	0.30	.22	.255				
Sintomatologia depressiva dos pais	0.04	0.02	.34	.030				
Instabilidade familiar pós-adoção	0.01	0.27	.01	.959				

Figura 1

Perfis Parentais em Função da Coexistência das Reações de Apoio e Não Apoio



Nota. Os eixos foram divididos com base nos valores médios das variáveis (M = 5.72) e do Não Apoio (M = 2.80).